

# LOTEAMENTOS FECHADOS EM CIDADES MÉDIAS DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO DO RESIDENCIAL SAN MARINO (MACAPÁ-AP)

Gated communities in sized cities of the Amazon: a study of the residential San Marino (Macapá – state of Amapá, Brazil)

Allotissements fermés dans les villes moyennes de L'Amazonie: une étude du résidentiel San Marino (Macapá – état de L'Amapá. Brésil)

Marcio Douglas Brito Amaral<sup>i</sup>  
*Universidade Federal do Pará - Brasil*

Alan Patrick Coimbra Melo<sup>ii</sup>  
*Universidade do Estado do Amapá - Brasil*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar a produção de loteamentos fechados na cidade de Macapá – capital do Estado do Amapá – como parte da reestruturação urbana que tem atingido as cidades médias da Amazônia nesse início de século XXI. Parte-se da compreensão de que os loteamentos fechados, juntamente com um conjunto de objetos de natureza modernizadora, tais como shopping center, hotéis de luxo, novas salas de cinema, edifícios verticais, casas de shows, representam o novo conteúdo da urbanização das cidades médias da região. Ainda que a construção de loteamentos fechados em Macapá tenha sido de início a única alternativa que a classe média, principalmente aquela ligada ao setor público, encontrou para acessar a moradia, na atualidade esses loteamentos assumem um novo conteúdo sócio-espacial e se apresentam como parte da reestruturação urbana que tem atingido as cidades médias brasileiras.

**Palavras-chave:** reestruturação urbana; cidade média, loteamentos fechados, Macapá.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the production of gated communities in the city of Macapá – capital of Amapá State – as part of urban restructuring that has been reaching medium cities of Amazon in the beginning of the nineteenth century. It understands that gated communities, with a set of modernizing source objects, such as shopping center, luxury hotels, new cinema halls, vertical buildings, playhouse auditoriums, represent the new content of the region medium cities urbanization. Even if the construction of gated communities in Macapá has been, on the beginning, the only choice that middle class - above all the one associated to public sector - found for access to housing, nowadays these communities assume a new socio-spatial content and are presented as part of the urban restructuring that has been reaching brazilian medium cities.

**Keywords:** urban restructuring; medium city; gated communities; Macapá.

## RÉSUMÉ

L'objectif principal de cet article est celui d'analyser la production des allotissements fermés dans la ville de Macapá - capitale de l'Etat de l'Amapá - dans le cadre de restructuration urbaine qui a atteint les villes moyennes de l'Amazonie au début du XIXème siècle. On part de la compréhension que les allotissements fermés, ainsi qu'un ensemble d'objets de nature modernisatrice, telles que les centres commerciaux, hôtels de luxe, nouvelles salles de cinéma, bâtiments verticaux, salles de concert, représentent le nouveau contenu de l'urbanisation des villes moyennes de la région. Bien que la construction d'allotissements fermés à Macapá était au départ la seule alternative que la classe moyenne, en particulier celles liées au secteur public, a trouvé pour se loger, aujourd'hui, ces allotissements constituent un nouveau contenu socio-spatiale et se présentent comme une partie du projet de restructuration urbaine qui atteint les villes moyennes brésiliennes.

**Mots-clés:** restructuration urbaine; villes moyennes; allotissements fermés; Macapá.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal analisar a produção de loteamentos fechados na cidade de Macapá – capital do Estado do Amapá – como parte da reestruturação urbana que tem atingido as cidades médias da Amazônia nesse início de século XXI.

Parte-se da hipótese de que os loteamentos fechados, juntamente com um conjunto de objetos de natureza modernizadora, tais como *shopping center*, hotéis de luxo, novas salas de cinema, edifícios verticais, casas de shows, representam o novo conteúdo da urbanização das cidades médias da região. Ainda que a

construção de loteamentos fechados em Macapá tenha sido de início a única alternativa que a classe média<sup>1</sup>, principalmente aquela ligada ao setor público, encontrou para acessar a moradia, na atualidade esses loteamentos assumem um novo conteúdo sócio-espacial e se apresentam como parte da reestruturação urbana que tem atingido as cidades médias brasileiras.

De imediato gostaríamos de esclarecer por que vamos utilizar ao longo do texto a expressão loteamento fechado e não condomínio fechado, de uso mais corrente entre os moradores desses espaços e o público em geral. Ainda que no cotidiano esses termos sejam utilizados como sinônimos, no plano estrito e legal eles são distintos. Nos loteamentos fechados, o que se comercializa são apenas lotes, como em qualquer outro loteamento ou bairro da cidade, portanto, o fato de ser fechado constitui-se numa ilegalidade<sup>2</sup>. Já nos condomínios fechados, é preciso que exista a propriedade condominial, ruas, praças, áreas verdes e equipamentos são privatizados (ANDRADE, 2006), não sendo sua manutenção de natureza pública, portanto, de responsabilidade do Estado.

Ainda que na Amazônia os estudos sobre loteamentos fechados em cidades médias sejam inéditos, estamos preocupados com o fato de que vários trabalhos já foram realizados no Brasil sobre essa temática, e não queremos assumir uma postura que coloca como novo no trabalho apenas o fato de ter sido realizado numa região nova – nesse caso a Amazônia – porém, fazendo uso dos mesmos fundamentos teórico-metodológicos tradicionalmente

utilizados e que acabam por tornar o trabalho repetitivo e pouco criativo<sup>3</sup>.

Duas hipóteses serão discutidas ao longo do texto. A primeira procura demonstrar que o mesmo processo que deu origem à forma metropolitana na Amazônia provocou também a configuração de cidades médias e de algumas cidades pequenas, principalmente aquelas localizadas às margens das rodovias e dos grandes projetos. Portanto, a preocupação central quando se analisa a problemática urbana da Amazônia não deve ser de natureza demográfica, mas sócio-espacial, uma vez que o tamanho das cidades está relacionado à forma como ela se insere na dinâmica de expansão do capitalismo na região. A segunda hipótese levantada para discussão é a de que os loteamentos fechados nas cidades médias da Amazônia são parte de uma reestruturação urbana que busca não apenas inserir essas cidades na modernidade, mas promover uma modernização de sua morfologia urbana como uma forma de ampliar a reprodução do capital, principalmente aquele ligado ao setor imobiliário nessas cidades. Para isso faz uso de um *marketing* que difunde os valores e os objetos metropolitanos como sinônimo de moderno e civilizado, mas que acaba, na verdade, produzindo uma cidade cada vez mais fragmenta e privatizada.

## DESENVOLVIMENTO GEOGRÁFICO DESIGUAL E CIDADES MÉDIAS

Uma contribuição para a primeira hipótese deste trabalho é dada por Damiani (2006) quando mostra que as diferenças espaciais são

diferenças sociais e econômicas que resultam da divisão social do trabalho e que reflete na divisão territorial do trabalho. A cidade não é diferente pelo tamanho, mas por sua natureza espaço-temporal, ou seja, pela forma como se insere no capitalismo e pelos diferentes papéis que cumpri. A questão não é se a cidade é ou não moderna, mas a maneira como está inserida na modernidade. O tamanho, portanto, somente tem relevância ou pode expressar a natureza da própria coisa quando entendida em termos qualitativos e não quantitativos, pois o tamanho (a forma) é a expressão de conteúdos (qualidade).

A discussão desse conteúdo desafia o analista a superar os problemas da fragmentação e da abordagem dos problemas particulares e a buscar a junção, a articulação em diferentes níveis, o micro e o macro, a ordem próxima e a ordem distante, a vizinhança e a comunicação, de maneira que os problemas particulares sejam entendidos dentro da “problemática geral do espaço” (LEFEBVRE, 2008). Assim é que devem ser pensadas as cidades médias amazônicas, como parte de um processo mais amplo de reprodução capitalista, que insere os lugares de maneira desigual e articulada, nos termos de Harvey (2005), como parte de um “desenvolvimento geograficamente desigual”. O que não significa dizer, no entanto, que todas as cidades, pelo menos no plano da tecnoesfera, apresentem um meio técnico-científico e informacional (SANTOS, 1996) em sua morfologia urbana como refletiu Trindade Jr. (2005).

Desde os anos 60 (do século XX) e em especial depois da construção da rodovia Belém-Brasília, a política que direcionou o avanço da fronteira econômica na Amazônia estruturou-se de modo a permitir a integração da região ao mercado nacional e a acumulação do capital. Foi através de mecanismos explícitos de incentivos empresariais, a exemplo da Lei de Incentivos Fiscais, que o Estado procurou atrair capital e empreendedores para os variados setores da economia regional (CASTRO, 2001).

Neste contexto, de expansão da fronteira econômica, é que se insere a produção do espaço urbano na região, expresso nem sempre pela presença física da cidade na paisagem regional (urbanização do território), mas principalmente pela difusão da sociedade urbana, sistema de valores e de conteúdos expressos na constituição da fronteira urbana (TRINDADE JR., 2005). Esta fronteira, na Amazônia, funcionou como a base logística para o projeto de rápida ocupação da região, acompanhando ou até mesmos antecipando à difusão de várias frentes econômicas, pois, uma vez que a urbanização não se constituía enquanto uma decorrência da expansão agrícola, a fronteira já nascia urbana e cumpria três papéis fundamentais na dinâmica econômica: atração dos fluxos de migratórios, organização do mercado de trabalho e controle social. Além disso, é preciso dizer que essa expansão da fronteira acabou por diversificar a estrutura urbana regional com a presença diferentes tipos de urbanização: espontânea, tradicional, dirigida pela colonização particular,

dirigida pela colonização oficial e grandes projetos (BECKER, 1990).

É neste contexto que se deve entender ao mesmo tempo a formação da metrópole e das cidades médias dentro da região amazônica. *Trata-se, portanto, de entender que a expansão do capitalismo produziu ao mesmo tempo a forma metropolitana e as cidades médias.* A metropolização de Belém, conforme indica Trindade Jr. (1998), pode ser definida por dois momentos distintos que marcam a conformação da forma espacial da metrópole: a forma metropolitana compacta ou confinada e a forma metropolitana dispersa. Na primeira, a urbanização estava restrita à primeira légua patrimonial, em que as áreas de baixadas – espaços segregados, alagados ou sujeitos a alagamentos, e centralmente localizados – eram os locais privilegiados para reprodução da força-de-trabalho de baixo poder aquisitivo que incrementavam o espaço urbano da cidade e funcionavam como focos políticos privilegiados para ação dos movimentos populares urbanos e os atores políticos locais. Na segunda, leva-se em consideração o processo de desconcentração dos assentamentos urbanos, em que se observa uma crescente periferização dirigida para áreas distantes do núcleo metropolitano. A nova forma, metropolitana, promove a desestruturação e a alteração na forma espacial anterior (ribeirinha) e, juntamente com ela, modos de vida, hábitos e valores. A população de baixa renda é retirada das baixadas, áreas centralmente localizadas, e remanejadas para assentamentos na área de expansão, em periferias distantes. Dentre esses novos espaços

de assentamentos, conforme indica o autor, está a BR-316, em direção aos municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara, e a Rodovia Augusto Monte Negro, em direção ao distrito de Icoaraci (PA).

A partir dessa análise da metropolização de Belém, Trindade Jr. (1998) chega à conclusão de que o crescimento urbano da região metropolitana de Belém está relacionado ao fato de que ela se tornou o destino final de grande parte da mão-de-obra polivalente e móvel que se desloca dentro do espaço regional, principalmente após a falência das políticas de desenvolvimento regional de décadas anteriores. O autor mostra que o reforço à concentração espacial metropolitana não se faz necessariamente dentro dos limites estritos da região metropolitana, mas a partir de sua grande periferia de expansão (municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara) ou mesmo de sua área de influência imediata (municípios de Barcarena e Castanhal).

Quanto à formação de cidades médias na Amazônia oriental pode-se dizer que resultam dessa mesma lógica de reestruturação econômica vivenciada pela região depois dos anos 60 e que não colocou Belém como lócus privilegiado da gestão e do controle da acumulação capitalista. Dois elementos são importantes para entender esse processo: a natureza dos novos empreendimentos econômicos (grandes projetos de mineração, de colonização agrícola, de geração de energia etc.) e os novos eixos de circulação (rodovia em detrimento das hidrovias). No primeiro caso, o capital produziu suas próprias condições gerais

de produção, as *company towns* (cidades planejadas), que serviram de suporte ao grande projeto e estavam localizadas, em geral, fora do eixo metropolitano. Quando não, fez uso da base urbana das cidades existentes próximas das áreas de extração, a exemplo de Marabá e Macapá, que, por sua vez, foram transformadas de pequenas em médias cidades. No segundo caso, com a abertura de diversas rodovias e o rompimento de grande parte do “isolamento” da região em relação ao restante do território nacional, Belém que antes gozava de uma localização ribeirinha privilegiada, como porta de entrada e saída do Amazonas, vai perdendo sua função de entreposto. As rodovias produziram um sistema de circulação interligada diretamente tanto com o Centro-Sul do país, quanto com outros países da Amazônia, sem passar necessariamente pela cidade de Belém e que produzem uma nova articulação para a rede urbana regional (BROWDER; GODFREY, 2006).

No período atual, segundo aponta Becker (2005), em que novas dinâmicas se impõem à região, a expansão da atividade madeireira moderna no leste do Pará, a agroindústria em Mato Grosso, o garimpo, a criação de novos municípios, o crescimento de pequenas e médias cidades, entre outras, verificam-se novos padrões urbanos contemporâneos, que necessitam ainda de estudos mais detalhados: a colonização dirigida em Rondônia deu origem a um adensamento de cidades que formou um subsistema espacial de Vilhena a Porto Velho, núcleos urbanos baseados na economia madeireira e leiteira; no Pará houve um

adensamento de cidades no sudeste do Estado, de Marabá à Redenção, interiorizando uma urbanização antes restrita a Belém-Brasília; a emergência de subsistemas urbanos adensados em torno de São Luis, Palmas e Mato Grosso.

Todas essas mudanças arroladas por Becker (2005) acabaram provocando uma nova estrutura urbana e do povoamento na região, inclusive a desconcentração da urbanização. De acordo com a autora, ocorreu um aumento significativo da participação de cidades médias e pequenas na dinâmica regional, o que provocou a redução da primazia histórica representada pela concentração populacional em Belém e Manaus<sup>4</sup> e rompeu o padrão de povoamento ao longo dos rios, uma vez que muitas cidades surgiram e cresceram no eixo das rodovias. Deve-se ressaltar, porém, que tal afirmação assume um caráter generalista, pois quando se toma como recorte de análise a Amazônia Ocidental, o que se observa é que o padrão dendrítico ainda é bastante visível, conforme confirmam Oliveira (2000) e Ribeiro (2001).

Quando se considera a experiência do Estado do Amapá na análise, o que se verifica é ainda uma rede urbana simples, em que Macapá junto com o município de Santana formam um verdadeiro aglomerado urbano, com uma estrutura altamente urbana concentrada, não apenas em termos populacionais, mas também econômicos, político-administrativo e pela oferta de bens e serviços para a região, e que o restante do estado apresenta um perfil marcado por pequenas cidades, conforme se pode verificar nos dados da Tabela 01.

Municípios	POPULAÇÃO							
	ANO							
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Amapá	6.374	8.794	7.900	10.377	9.508	8.075	7.121	8.069
Calçoene	-	-	2.344	2.834	2.834	5.177	6.730	9.000
Cutias	-	-	-	-	-	-	3.280	4.696
Ferreira Gomes	-	-	1.396	1.375	2.047	2.386	3.562	5.802
Itaubal	-	-	-	-	-	1.666	2.894	4.265
Laranjal do Jari	-	-	-	-	-	21.372	28.515	39.942
Macapá	16.234	20.594	39.723	76.915	127.554	169.579	283.308	398.204
Mazagão	8.139	5.105	7.565	10.497	20.436	8.911	11.986	17.032
Oiapoque	-	2.984	3.934	4.554	5.028	7.555	12.886	20.509
Pedra Branca do Amapari	-	-	-	-	-	-	4.009	10.772
Porto Grande	-	-	1.949	2.643	3.329	4.905	11.042	16.809
Pracuúba	-	-	-	-	-	-	2.286	3.793
Santana	-	-	-	-	-	51.451	80.439	101.262
Serra do Navio	-	-	3.709	5.164	4.521	3.627	3.293	4.380
Tartarugalzinho	-	-	-	-	-	4.693	7.121	12.563
Vitória do Jari - AP	-	-	-	-	-	-	8.560	12.428
AMAPÁ	30.747	37.477	68.520	114.359	175.257	289.397	477.032	669.526

TABELA 01 - Crescimento Populacional do Estado do Amapá (1940-2007).

Fonte: IBGE (2012).

Ao se observar os dados da tabela 01 fica evidente o nível de concentração demográfica do aglomerado Macapá-Santana, pois conforme os números nela expressos, das 669.526 pessoas que vivem nos municípios do Estado do Amapá, 74,59% estão localizadas nos municípios de Macapá (59,47%) e Santana (15,12%). Se somar a população de todos os outros municípios do Estado do Amapá, chegam a apenas 25,40% da população do aglomerado. Isto num Estado em que a taxa de urbanização é superior 89,76%, ou seja, a grande maioria da população vive nas cidades, o que indica uma verdadeira “macrocefalia urbana”.

Além do aspecto demográfico, outro dado que reforça a concentração espacial no aglomerado é de natureza econômica, a distribuição do Produto Interno Bruto (PIB) dos municípios do Amapá em 2009, como se pode observar na tabela 02. Esta, a exemplo da anterior, que mostrava uma forte concentração populacional em Macapá e Santana, revela uma forte concentração econômica nesses dois

núcleos urbanos (77,54%). Para ter uma visão mais precisa dessa concentração, pode-se dizer que a soma do PIB dos cinco municípios (Laranjal do Jari, Oiapoque, Porto Grande, Tartarugalzinho e Mazagão) mais importantes depois de Macapá e Santana, chega a apenas 16,68%, do PIB dessas duas cidades. Antes de avançar é importante destacar o peso assumido pelos serviços no PIB do Amapá, que é responsável por 87,42% do mesmo, seguido pela indústria (9,32%) e a agropecuária (3,24%), com números pouco expressivos quando comparados ao primeiro.

A explicação para essa urbanização concentrada pode ser encontrada na forma como o estado do Amapá foi inserido no processo de reprodução capitalista, de um lado, acompanhando em grande medida, a mesma dinâmica de inserção do restante da Amazônia Oriental como uma fronteira econômica do capital - com grandes projetos de mineração (ICOMI), inclusive com a produção de *company towns*, grandes projetos agroflorestais (pinhos e

eucalipto), construção de hidrelétrica (Coaracy Nunes), abertura de grandes eixos rodoviários (Perimetral Norte e BR-156), projetos de colonização agrícola do INCRA etc. –, de outro lado, apresentando duas diferenças significativas para sua estruturação interna, o fato de ter sido, até muito recentemente, um Território Federal e ter recebido durante esse período alguns investimentos importantes para sua malha urbana<sup>6</sup>, e o fato de ter recebido uma Área de Livre Comércio (ALCMS), juntamente com o município de Santana, o que contribuiu particularmente para a dinamização econômica dessas duas cidades, como demonstrou Porto (2005), uma vez que puderam comercializar bens importados em seu interior.

## REESTRUTURAÇÃO URBANA E LOTEAMENTOS FECHADOS EM MACAPÁ

Em que pese à afirmação de Sposito (2004) de que os símbolos da cidade contemporânea e

competitiva do capitalismo se fazem presentes nas metrópoles, nas grandes cidades e nas cidades de porte médio nas áreas mais avançadas do Brasil, pode-se dizer que de maneira incipiente e germinativa eles se fazem presentes também em cidades de porte médio da Amazônia, principalmente, na cidade de Macapá.

Atingida pelo avanço de novos símbolos do capitalismo contemporâneo, tais como *shopping centers*, aeroportos, hotéis pertencentes a grandes redes internacionais, casas de espetáculos, crescimento vertical e loteamentos fechados, que antes eram exclusividade das grandes cidades, Macapá parece passar por uma verdadeira reestruturação urbana.

No que se refere a *shopping centers*, o primeiro a se instalar na capital amapaense foi o *Shopping Macapá* implantado em 1996 a partir da iniciativa de empresários locais, denominados Grupo Fortaleza, que tem sua principal

Municípios	PIB			
	INDÚSTRIA	AGROPECUÁRIA	SERVIÇOS	TOTAL
Amapá	13.389	13.389	60.451	87.229
Calçoene	14.402	11.643	74.311	100.356
Cutias	1.204	15.586	32.306	49.096
Ferreira Gomes	20.026	5.028	42.605	67.659
Itaubal	873	5.688	24.441	31.002
Laranjal do Jari	15.722	11.256	284.119	311.097
Macapá	295.292	35.547	3.990.259	4.321.098
Mazagão	3.778	12.499	95.536	111.813
Oiapoque	9.473	22.179	184.011	215.663
Pedra Branca do Amapari	12.191	16.507	66.982	95.680
Porto Grande	8.876	19.605	110.281	138.762
Pracuúba	803	7.201	23.387	31.391
Santana	190.374	10.910	834.452	1.035.736
Serra do Navio	44.837	8.720	45.821	99.378
Tartarugalzinho	9.361	19.990	86.932	116.283
Vitória do Jari	3.768	8.186	84.075	96.029
<b>TOTAL</b>	<b>644.369</b>	<b>223.938</b>	<b>6.039.969</b>	<b>6.908.969</b>

TABELA 02 – Distribuição do PIB dos Municípios do Estado do Amapá por Setores Produtivos (2009)  
 Fonte: IBGE (2012).

atividade econômica ligada ao ramo de supermercados. O segundo empreendimento desse porte é o *Amapá Garden Shopping*, que já anuncia em seu início de construção, que sua estrutura irá reproduzir feitiços da arquitetura que marca o padrão das grandes metrópoles. Esse empreendimento está localizado na Rodovia Juscelino Kubistchek, em frente à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Esta localização se torna estratégica, pois, além da Rodovia JK ser a principal via de acesso entre as duas principais cidades do Amapá (Macapá e Santana) que concentram os maiores contingentes populacionais, reúne também um crescente número de loteamentos fechados e de áreas de lazer. Este shopping é uma iniciativa de um grupo norte americano, CBL & Associates Properties em parceria com a brasileira Tenco Realty de Minas Gerais e outros dois grupos locais, o Bento Pereira<sup>7</sup> e o SEAMA. Esse *Shopping* está sendo construído em um terreno de mais de 70.000 m<sup>2</sup>, com 23.900 m<sup>2</sup> de ABL (área bruta locável), possuindo 157 lojas, sendo 4 âncoras (grandes lojas), 1 supermercado, 5 salas de cinema multiplex, 5 megalojas, 133 lojas-satélite e 14 lojas de alimentação sendo 02 restaurantes, além de 1.500 vagas para estacionamento. No que tange a geração de empregos, seus estudos indicam a geração de 1.900 empregos diretos durante a obra, depois da inauguração serão mantidos 2.100 empregos diretos e 3.000 indiretos.

No que tange ao *crescimento vertical*, nos últimos anos em Macapá vem sendo constante o aumento do número de edifícios acima de 5 (cinco) pavimentos (QUADRO 01), o que

representa um marco para o processo de renovação de seus espaços urbanos, principalmente aqueles mais antigos localizados no centro da cidade, espaço onde vem sendo construídos a maioria dos empreendimentos.

Como se pode verificar no quadro 01, foi somente a partir do ano de 2008 que em Macapá se intensifica a construção de edifícios acima de 5 (cinco) pavimentos, em sua maioria destinados a residenciais multifamiliar, nos anos anteriores, havia grande variação quanto ao número de construções desse tipo de empreendimento. Vale ressaltar a presença destas edificações em áreas mais urbanizadas da cidade – na chamada área central – e a vantajosa liderança da construtora ICON na edificação de prédios (FOTOS 01 e 02).

Verificamos que o crescimento urbano de Macapá vem sendo desenvolvido tanto na forma horizontal nas periferias, quanto no formato vertical em áreas mais urbanizadas no centro da cidade. Nas áreas localizadas próximas ao centro da cidade, que são dotadas de melhor infraestrutura, se concentra a verticalização, influenciada por uma classe de melhor poder aquisitivo que não deseja se afastar do comércio e serviços ali oferecidos. Já nas áreas distantes do centro da cidade, se concentra a forma horizontalizada da produção urbana, que outrora seu conteúdo era determinado pela presença de uma população de baixo poder aquisitivo, mas agora vem sendo ocupada também por loteamentos fechados que por sua natureza e origem acabam modificando seu conteúdo.



Nº	Solicitante	Localização	Pavimentos	Uso	Ano de Liberação
1	Carlos Augusto Tork de Oliveira	Avenida Mendonça Furtado - 1008 Central	06	Residencial multifamiliar vertical	2003
2	Dinâmica Engenharia LTDA	Avenida FAB - 1221 Centro	07	Serviço Geral	2003
3	Ericstel Construções Metalicas LTDA	Av. Nações Unidas - 744 Laguinho	05*	Residencial Multifamiliar Vertical	2005
4	Construção Meio Norte LTDA	Avenida Mendonça Furtado - 1910 Centro	05	Residencial Multifamiliar	2006
5	Betral Rent acar LTDA	Rua Tiradentes - 303 Centro	07	Hotelaria	2006
6	Industria da Construção LTDA	Avenida Procópio Rola - 456 Centro	06	Multifamiliar	2006
7	Odelson Sales dos Santos	Rua Manoel Eudócio Pereira, 1494 - Centro	11	Comercial	2007
8	Tribunal Regional Eleitoral do Amapá	Av. Mendonça Junior - 1502 - Centro	05	Serviço	2008
9	Susana Cristina Pontes	Av. Mendonça Jr. 1502 - Laguinho	05	Residencial Multifamiliar	2008
10	Dinâmica Engenharia (Edifício Mont Blanc).	Av. FAB - Centro	07	Multi familiar vertical	2008
11	ICON - Industria e Comercio Civil LTDA.	Av. Antonio coelho de Carvalho - Centro	12	Residencial multifamiliar vertical	2008
12	ICON - Industria e Comercio Civil LTDA	Av, Enestino Borges, 721 - Centro	14	Residencial multifamiliar vertical	2008
13	ICON - Industria e Comercio Civil LTDA	Av. Antonio Coelho de Carvalho - Centro	14	Residencial multifamiliar vertical	2008
14	S.M.C - Construções e incorporações LTDA	Av. Procópio Rola n. 1376 Centro	5	Misto	2008
15	Construtora Meio Norte LTDA	Via de penetração s/n Jardim Marco Zero	7	Residencial Multifamiliar	2008
16	Verticalle Construções e incorporações LTDA	Rua Hamilton Silva 1466 Centro	14	Residencial	2008
17	Amazônas Importados LTDA	Rua São José Centro	5	Comercial	2008

**QUADRO 01 - Liberações de construção de prédios em Macapá a partir de 5 pavimentos 2002 - 2008.**

Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá - Elaborado pelo autor.

\*Prédio Residencial construído em 4 (quatro) blocos com 5(cinco) pavimentos.



**FOTO 01 - Condomínio Turmalina Residence.**  
 Fonte: Trabalho de Campo, 2009.



**FOTO 02 - Edifício Rio Amazonas.**  
 Fonte: Trabalho de Campo, 2009.

O último símbolo da cidade capitalista contemporânea de que vamos tratar nesse texto é o *loteamento fechado*. O primeiro deste tipo de empreendimento residencial implantado em Macapá foi Residencial San Marino, inaugurado em 1990, teve a maioria de suas residências vendidas para funcionários públicos com financiamento da Caixa Econômica Federal, e que atualmente encontra-se totalmente descaracterizado do padrão inicial. O Residencial Equinócio surgiu a partir da iniciativa de um grupo de amigos que compraram um terreno as margens da Rodovia Juscelino Kubistchek e iniciaram as obras de implantação de toda a infraestrutura, inclusive de um muro em torno da propriedade; atualmente encontra-se parcialmente ocupado. O Residencial dos Promotores surge a partir da compra de uma área para a construção de um clube, como esta construção não tomou conta de toda a extensão do terreno, o restante foi loteado e vendido para os promotores associados, assim dando origem ao residencial. Atualmente encontra-se parcialmente ocupado e não possui muitos equipamentos urbanos. O residencial Manari Village é de iniciativa privada, é

considerado de alto padrão onde seus lotes custam em média R\$: 130,00 (cento e trinta mil reais); entre os loteamentos implantados em Macapá, ele possui o mais completo conjunto de equipamentos urbanos e comunitários, incluindo acesso para o rio Amazonas com estacionamento para barcos e estação de tratamento de esgoto próprio. O residencial Vila Tropical é de iniciativa da Construtora e Urbanizadora Manari, destinado a classe de médio poder aquisitivo, onde seus lotes custam em média R\$: 42,00 (quarenta e dois mil reais); entre seus equipamentos urbanos se destaca uma estação de tratamento de esgoto. Os Residenciais Amazon Ville e Terra Brasíllis são os únicos loteamentos que atualmente encontra-se em construção e não possuindo nenhum lote ocupado. O Residencial Solar Equatorial não surge com a parceria entre o proprietário da terra e a empresa loteadora, o que é comum acontecer em outros loteamentos, mas sim pela contratação de uma empresa pelo proprietário de terra para realizar a implantação da infraestrutura urbana, e assim vender os lotes para outras pessoas; atualmente 60% dos lotes encontram-se ocupados.

Nº	Loteamento	Localização	Nº de Lotes	Ano de entrega do loteamento ou legalização
1	Residencial San Marino	Rodovia JK - Pedrinhas	42	1990
2	Residencial Equinócio	Rodovia JK	32	1998
3	Residencial dos Promotores	Ramal dos Promotores - Rodovia JK	36	2000
4	Bella Ville Residencial	Rod. Duque de Caxias com ramal do Km 09.	-	2001
5	Residencial Amazon Ville	Rodovia do Curiaú Km 01 - J. Felicidade	389	2005
6	Residencial Solar Equatorial	Ramal dos Promotores - Rodovia JK	25	2005
7	Residencial Manari Village	Rodovia JK	62	2007
8	Condomínio Terra Brasíllis	Rodovia JK	-	-
9	Residencial Cajari	Rod. Duque de Caxias	28	-
10	Loteamento Vila Tropical	Rodovia JK	218	2008

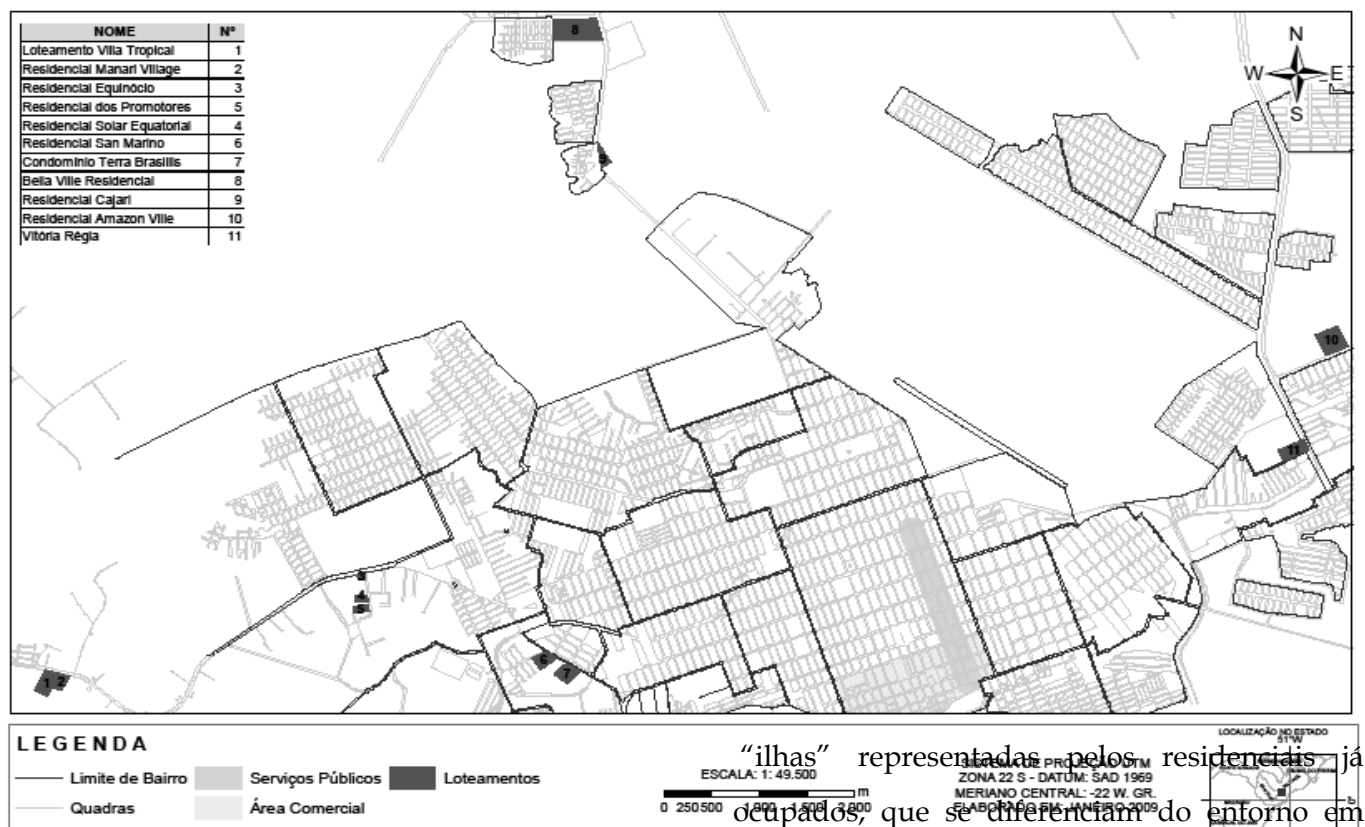
**QUADRO 02** – Loteamentos fechados em Macapá – 1990 a 2008.

Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá – Elaborado pelos autores.

Ao analisar a produção do espaço urbano considerando seus processos e formas, podemos nos aproximar da caracterização da estrutura urbana com a presença dos loteamentos fechados. Neste sentido, constata-se que a implantação dos loteamentos fechados em Macapá encontra-se em um *estágio embrionário*, pois dos 10 loteamentos fechados legalizados junto a Prefeitura Municipal de Macapá, 5 (cinco) encontra-se em processo de construção, 3 parcialmente ocupados e somente 2 encontra-se com todos os seus lotes ocupados. Portanto, ao analisar os desdobramentos do surgimento destes loteamentos em Macapá no que tange sua morfologia não teremos resultados tão visíveis, no entanto podemos apontar algumas perspectivas no que tange o seu remodelamento.

Conforme se verifica no mapa 01, podemos perceber que a localização dos loteamentos fechados ocorre preferencialmente em áreas consideradas periféricas, mas com acesso rápido ao centro de Macapá e/ou fixados em pontos estratégicos de ligação entre Macapá e Santana e ao Distrito Industrial.

Ao analisar a implantação dos loteamentos fechados em Macapá, percebemos que o mercado imobiliário vai tomando conta do modo de produção do espaço, colocando em primeiro plano o valor de troca em detrimento do valor de uso dos espaços urbanos, o que mais uma vez indica a transformação da cidade em mercadoria. Dessa forma, ainda que num estágio inicial, já é possível verificar algumas



MAPA 01 - Espacialização dos loteamentos fechados em Macapá.  
Fonte: Elaborado por Alan Patrick Coimbra Melo (2009).

que se encontram tanto por seu poder aquisitivo quanto por suas práticas sócio-espaciais.

### O RESIDENCIAL SAN MARINO

O Residencial San Marino (FOTOS 03 e 04) possui 41 casas, deste total apenas 12 moradores aceitaram ser entrevistados, em outras 15 residências os moradores se negaram a participar da entrevista, em 13 casas os moradores estavam viajando ou sempre ausentes e em outras 2 residências, em função de reformas nas casas, os moradores não estavam presentes. De imediato fica claro a dificuldade em se penetrar neste ambiente que já se caracteriza por ser fechado, dificuldade esta que se inicia com o convencimento do síndico do residencial da necessidade de se realizar uma pesquisa desta natureza e se evidência com os cuidados da segurança do residencial em impedir a entrada de “pessoas indesejáveis”.

Os moradores do residencial San Marino são pessoas de nível educacional elevado, cerca de 91,7% dos chefes de família tem nível superior ou pós-graduação, a maioria se declarou brancos (75%), predominando famílias com até 4 pessoas (83%), em que 100% dos moradores possuem apenas 2 filhos e sendo raros os casos de idosos. As casas inicialmente foram construídas com o mesmo padrão, no entanto, atualmente estão bastante modificadas destacando-se uma grande variedade de padrões arquitetônicos. Todos os moradores possuem carro próprio, e é comum a existência de mais de um carro por residência, cerca de 91% dos entrevistados possuem dois ou mais

carros. Quanto a renda familiar, 50% declaram ganhar entre 10 e 20 salários mínimos e 33% afirmam ganhar acima de 21 salários mínimos.



FOTO 03 – Entrada do Residencial San Marino.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009.



FOTO 04 – Av. Principal do Residencial San Marino.  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009.

Dos moradores que aceitaram ser entrevistados, todos, em princípio, apresentaram grande resistência e desconfiança. Eles responderam as perguntas de forma sucinta e ratificavam sua intenção em retornar as atividades anteriormente interrompidas. Já nas residências em que os moradores estavam sempre ausentes e/ou viajando (31% das casas visitadas), sempre havia um funcionário para informar que não existia uma hora determinada para seu patrão ser encontrado na residência ou uma data prevista para o seu retorno.

Em todas as casas em que o morador se negou a participar da entrevista, um empregado da residência sempre estava atento ao chamado e por intermédio do mesmo funcionário, depois de informado o assunto a ser tratado, a resposta negativa era emitida. Na maioria das vezes, o funcionário não retornava para o interior da residência para perguntar sobre a disponibilidade de seu patrão em ser entrevistado, a resposta negativa já estava pronta. Isso indica o interesse do morador em não ser incomodado por estranhos, o que se liga ao ritmo de vida que predomina entre estes citadinos. Além disso, sugere um “treinamento” recebido pelos funcionários para dar respostas negativas. Vale ressaltar que na frente de 8 casas deste rol que se negaram a participar da pesquisa, não havia campainha, o que reforça o argumento dos moradores do desejo de não serem incomodados. A decisão de morar em um condomínio, o que *a priori*, já denuncia ou ainda demonstra que as visitas recebidas por tais moradores devem ser sempre bem programadas.

Buscou-se questionar os moradores a respeito da positividade ou negatividade de viver nesse tipo de ambiente fechado. A maioria deles acredita que é muito bom viver nesse ambiente, pois permite solucionar vários problemas que assolam a cidade. Para os moradores, o suposto isolamento em relação à cidade representado pelos muros é algo forçado, principalmente, pelas muitas deficiências encontradas fora dos muros condomínio. Eles buscam realizar dentro do loteamento aquilo que já não é mais possível de se fazer na cidade,

como, por exemplo, “deixar a bicicleta do lado de fora da casa”, “não ter problemas com música alta na vizinhança”, “liberdade para as crianças brincarem do lado de fora de casa” etc.

Quando perguntados sobre a relação que mantinham com a cidade, ganha ênfase o discurso de que apesar de se morar em um loteamento fechado, existe uma íntima relação com a cidade, pois é nela que residem seus amigos, trabalham, utilizam os espaços públicos. É preciso, porém, relativizar essa última afirmação, pois 100% dos entrevistados afirmam não usar educação, saúde e transportes públicos.

Em síntese, na descrição feita pelos moradores fica claro que suas vidas não se limitam aos espaços dentro dos muros, o que reflete a ausência de um espaço autônomo, tal como verificados nos residenciais dos grandes centros urbanos, onde muitas de suas necessidades são atendidas pela estrutura do próprio residencial. A inexistência de alguns serviços predominantes fora dos muros - a exemplo de cinemas, lojas, mercados, hospitais entre outros - determina uma maior relação entre o residencial San Marino e a cidade de Macapá, serviços estes que desde o projeto inicial do condomínio não estavam presentes, o que indica a intenção do empreendedor em construir um espaço somente residencial e não autônomo o que se justifica pela curta distância entre o centro da cidade e o local onde foi construído o residencial.

Vale ressaltar que os espaços da cidade freqüentados pelos moradores do San Marino, também são privativos, o único espaço que não

é privativo e que ainda é utilizado por 75% dos entrevistados é a Praça do Araxá - uma área voltada ao lazer e ao turismo a beira do rio Amazonas e próximo ao residencial, que é utilizada pelos moradores para realizar caminhadas.

Diante do fato de os moradores do residencial pouco fazerem usos de espaços públicos e de buscarem sempre soluções privadas para os problemas, podemos então concluir que existe um o abandono dos espaços públicos por estes moradores, o que acabam reforçando uma hipótese levantada por Oliveira (1998) para a sociedade brasileira. De acordo com esse autor o que tem ocorrido no país é uma privatização do público, mas não uma publicização do privado. As elites brasileiras têm feito uso do estado para produzir suas próprias condições de reprodução, mas por outro lado pouco tem retornado a sociedade esses benefícios adquiridos com o público.

No que tange a escolha de morar em loteamentos fechados, não se pode designar o fator segurança como o único motivo para essa decisão. No trabalho de Andrade (2006), é realizada uma análise de diversos trabalhos que tratam do estilo de vida nos condomínios fechados. Em sua análise, a autora observa que em diversas pesquisas o fator segurança não é o mais citados entre os moradores que decidiram morar em condomínios, outros como “liberdade para os filhos” e “tranquilidade” são mais lembrados. A noção de que estes moradores têm como principal motivação a busca de lugares mais seguros para morar ganha força com os

estudos de Caldeira (2003) quando desenvolve o conceito de “enclave fortificado”.

Durante as entrevistas com os moradores do San Marino, foi notória a oposição entre dois grupos de moradores, aqueles que inicialmente ocuparam as residências, logo após a conclusão do condomínio em 1990 (com financiamento da Caixa Econômica), e alguns novos moradores, que mudaram há pouco tempo ou possuem casas alugadas no residencial. Os primeiros moradores se diferenciam dos moradores mais recentes principalmente no que se refere à razão de morar no residencial. Os primeiros moradores buscavam o residencial simplesmente por que não possuem residência própria somada à facilidade que o financiamento proporcionou para a aquisição do imóvel. Também foi relatada a busca de tranquilidade, sossego e por último segurança. Isso é ratificado no relato de uma moradora do residencial:

Meu conceito de viver tem como base a qualidade de vida (...). Não gosto de me sentir vivendo em uma cidade pequena, mas com ritmo de cidade grande (...). Segurança antes não era minha maior preocupação, hoje considerado prioridade (...). Minha cultura é de morar em um lugar tranquilo e estou em Macapá em busca disso, o San Marino me proporciona isso (Entrevista com uma moradora, Química industrial, Fevereiro de 2009).

A maioria destes moradores antes residia no bairro central de Macapá e conviviam com certa agitação e barulho. Durante as entrevistas, mesmo o fator segurança não ter sido citado como elemento essencial para a escolha do residencial San Marino, hoje ele é tido como

determinante para a permanência destes moradores no residencial. Apenas dois entrevistados se mostraram interessados em morar em apartamento e outro morador em trocar o residencial por outro mais moderno, os demais não pensam em sair de lá.

Quanto aos novos moradores o fator segurança sempre foi citado como elemento essencial da escolha pelo Residencial San Marino para morar. Outros aspectos como tranquilidade, sossego, liberdade e infraestrutura adequada também foram mencionados pelos moradores.

Comodidade, conforto, ruas bonitas arborizadas, as crianças podem brincar, tem limpeza e recolhimento de lixo diário e não é nem tanto a questão de segurança por que minha casa é gradeada e eu não me preocupo com isso, não tem problema de poeira, lama na rua, lama na porta de casa (...). Eu sou do Paraná e aqui em Macapá eu morava em outro condomínio. (Entrevista com um morador, funcionário público federal, fevereiro de 2009).

Estes moradores comungam de um sistema de valores diferente dos moradores mais antigos, evidenciado pela presença excessiva de segurança e a privacidade. Ao que tudo indica esta noção apresentada nas falas destes moradores, quanto à busca de segurança em loteamentos faz parte de um modo de vida já anteriormente desenvolvido, tendo em vista que a maioria destes moradores não é natural de Macapá e antes já haviam morado em outros loteamentos ou em apartamentos de residenciais verticais. Outro aspecto importante é a intenção destes moradores em voltar a morar

em apartamentos ou em residenciais de melhor qualidade e com maior segurança.

Durante as entrevistas com os moradores mais novos foi possível verificar o monitoramento por câmeras em suas residências, o que mostra a preocupação com a segurança, como também o descrédito dado a segurança ofertada pelo residencial, o que é evidenciado na fala de um dos moradores: “Minha intenção é comprar outra casa em um residencial que me ofereça uma segurança como esta ou de melhor qualidade” (Entrevista com um morador, advogado, fevereiro de 2009). Que apesar de contar com a segurança ofertada pelo loteamento ainda utiliza diferentes equipamentos de monitoramento e vigilância.

Quanto aos moradores do San Marino, apesar de terem deixado para trás as deficiências da cidade e de certa forma de terem modificado os hábitos diários, não se pode considerar que tenha acontecido uma ruptura com o modo de vida urbano ou um afastamento da cidade. Na verdade, o loteamento fechado radicaliza a individualismo com o afastamento da vida pública, no entanto, estes hábitos individualistas já podiam ser observados na vida cotidiana em vários espaços da cidade (fora dos muros). Assim, é aceitável a idéia de mudança no ritmo de vida dos moradores, mas não de uma ruptura com o modo de vida e da sua relação com a cidade.

No que tange a atuação política dos moradores, tem-se aqui outro aspecto que merece destaque e cautela durante a análise. É comum a afirmação de que os moradores dos loteamentos fechados se isolam em seus espaços

murados e se esquecem dos problemas da cidade. A esse respeito, todos os moradores responderam que se preocupam com os problemas da cidade, no entanto, identificam apenas aqueles problemas que lhes afetam diretamente, a exemplo da condição das ruas e avenidas por onde seus carros circulam: “Minha maior preocupação é com a cidade, pois lá eu trabalho, lá meus filhos estudam (...) o que acontece lá se reflete aqui dentro do condomínio” (Entrevista com um morador, funcionário público federal, fevereiro de 2009).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto buscou-se discutir duas hipóteses, a primeira de que o mesmo processo que deu origem à forma metropolitana na Amazônia provocou também a configuração de cidades médias e de algumas cidades pequenas, principalmente aquelas localizadas às margens das rodovias e dos grandes empreendimentos econômicos, o que permitiu concluir que mais importante que discutir a forma da cidade (tamanho demográfico) é entender sua inserção na dinâmica de expansão do capitalismo na região.

A segunda hipótese discutida é a de que os loteamentos fechados nas cidades médias da Amazônia são parte de uma reestruturação urbana que busca não apenas inserir essas cidades na modernidade, mas promover uma modernização de sua morfologia urbana como uma forma de ampliar a reprodução do capital, principalmente aquele ligado ao setor imobiliário nessas cidades. Para desenvolver essa idéia buscou-se mostrar que a cidade de

Macapá vem passando nos últimos anos por uma reestruturação urbana e que passou a apresentar em sua estrutura interna diversos símbolos da cidade capitalista contemporânea, o que demonstra como a mesma tem sido inserida na reprodução econômica do capital, não apenas regional, mas também nacional e internacional, conforme se buscou mostrar com os exemplos dos edifícios verticais, dos *shopping centers*, dos loteamentos fechados.

Ao buscar transformar a morfologia urbana de Macapá com fins de reprodução imobiliária, o capital acaba por promover uma verdadeira reestruturação urbana, em que novos conteúdos e formas espaciais são implantados nessa cidade. Ao mesmo tempo em que o mercado imobiliário se reproduz, produzindo um novo espaço de moradias – verticais e horizontais – para as classes sociais de melhor poder aquisitivo da cidade, também uma nova cidade fundada nos valores capitalista é produzida. Não se trata apenas da construção de loteamentos fechados, mas da produção de uma cidade fragmentada e apropriada privadamente.

O residencial San Marino foi criado em período de grande carência de residências no mercado imobiliário de Macapá, e isso somado a facilidade oportunizada aos funcionários públicos através do financiamento, determinou, em princípio, que a ausência de casa própria fosse a maior motivação para se adquirir um imóvel no residencial. Atualmente, as maiores inquietações manifestadas pelos novos moradores do residencial se concentram na falta de tranquilidade, precariedade dos serviços públicos; sendo a segurança um elemento



incentivador para a permanência no condomínio.

Nestes períodos o agente imobiliário atua diferentemente, orientado pela lógica da estratégia do desejo, molda o marketing dos seus produtos de acordo com as necessidades dos cidadãos e as deficiências encontradas na cidade. Este conjunto formado pelos desejos dos cidadãos e as deficiências da cidade determinam a formatação dos novos residenciais, o que também desperta o desejo de consumir estes espaços por aqueles que já possuem casa própria.

## NOTAS

<sup>i</sup> Geógrafo; Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: [marcioamaral29@gmail.com](mailto:marcioamaral29@gmail.com)

<sup>ii</sup> Geógrafo; Pós-graduando em Patrimônio Arqueológico pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

E-mail: [alangeograf@hotmail.com](mailto:alangeograf@hotmail.com)

<sup>1</sup> Em entrevista realizada com os primeiros moradores do Residencial San Marino, pode-se constatar que os mesmos foram morar neste loteamento devido ainda não possuírem residência própria na cidade e pelas facilidades de financiamento oferecidas. É importante destacar que devido a grande ausência de regularização fundiária é muito difícil obter financiamento juntos as agências financiadoras de imóveis na cidade de Macapá.

<sup>2</sup> Como demonstrou Sobarzo (2006), do ponto de vista legal (Lei Federal 6.766 de 1979) o loteamento pressupõe a subdivisão de uma gleba em diversos lotes voltados para edificação, com a abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos e do prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes. Dessa forma, esse autor defende que o loteamento por definição não deve ser fechado, uma vez que implica na negação do acesso aos espaços públicos da cidade.

<sup>3</sup> Em debate recente na Revista Brasileira de Ciências Sociais, Fabio W. Reis, levantou uma questão crítica para a Antropologia que penso também ser interessante para a Geografia. Naquele momento ele dizia estar extasiado com o fato de que nos comitês de pesquisa a defesa de um determinado projeto era feita simplesmente, com base no argumento de que o grupo em questão nunca tinha sido pesquisado, o que bastaria para qualificar o projeto como bom, mesmo que as questões por ele colocadas fossem banais. Nesta perspectiva, segundo ele, as questões de maior alcance - se o estudo vai além de um registro etnográfico, se poderia oferecer respostas passíveis de generalizações, se responde a questões de natureza e alcance teóricos - tornavam-se irrelevantes nos trabalhos realizados.

<sup>4</sup> De acordo com Becker (2005) pela primeira vez na história da Amazônia, metade da população passou a viver fora das grandes aglomerações, as duas cidades (Belém e Manaus)

correspondem a apenas 22,46% da população urbana total em 2000.

<sup>5</sup> Por macrocefalia entende-se uma noção relativa que enfatiza a importância demográfica e, principalmente, econômica de uma cidade em relação às demais tanto da região, quanto do restante do país. As cidades macrocéfalas apresentam uma concentração dos grupos sociais de alto poder aquisitivo, bem como dos equipamentos, das atividades econômicas (indústria, comércio e serviços) e do poder político (da economia, da elite, da classe média e, parcialmente, das massas) (SANTOS, 2008).

<sup>6</sup> Alguns dados referentes a infraestrutura produzida pelo governo do território do Amapá podem ser encontrados na descrição de uma viagem ao Amapá realizada no dia 17 de setembro de 1947 por Jorge Pereira de La Roque e publicado na Revista Brasileira de Geografia (1950). Neste texto ele faz uma descrição das condições infra-estruturais da cidade de Macapá com destaque para as proezas realizadas pelo governo do território. É um texto altamente comprometido com a defesa do Estado e de seus representantes, porém nos permite ter uma dimensão concreta das transformações passadas pela cidade neste momento.

<sup>7</sup> O primeiro grupo foi fundado a mais de 60 anos, atualmente está entre os 5 maiores grupos do Estado do Amapá, com atuação em diversos segmentos do ramo automotivo, jornalístico e construção civil. Além disso, possui franquias de uma das maiores redes hoteleiras mundiais, a

Accor. Recentemente inaugurou o primeiro hotel Ibis em Macapá (Panfleto Informativo do Amapá Garden Shopping). O segundo grupo, o SEAMA, foi formado no ano de 2000, inicialmente criou a faculdade SEAMA em 2005 e atualmente desenvolve outras atividades na área de comunicação e saúde (Panfleto Informativo do Amapá Garden Shopping).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T. Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados. In: FRÚGOLI JR, H; ANDRADE, L. T; PEIXOTO, F. A. (orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. São Paulo: Edusp, 2006.

BECKER, Bertha K. Fronteira e urbanização repensadas. In: \_\_\_\_; MIRANDA, Mariana; MACHADO, Lia Osório. *Fronteira amazônica: questões sobre a gestão do território*. Brasília: Editora da UNB, 1990.

\_\_\_\_\_. Dinâmica urbana na Amazônia. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (orgs.). *Economia e território*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, pp.401-428.

BROWDER, John O; GODFREY, Brian J. *Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia brasileira*. Manaus: EDUA, 2006.

CASTRO, Edna. Estado e políticas públicas na Amazônia em face da globalização e da integração de mercados. In.: COELHO, Maria Célia Nunes; CASTRO, Edna; HURTIENNE, Thomas (orgs.). *Estado e políticas públicas na Amazônia: gestão do desenvolvimento regional*. Belém: CEJUP, 2001.

DAMIANI, A.L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A. I. G; ARROYO, M; SILVEIRA, M. L (orgs.). *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: EdUSP, 2006.

HARVEY, David. *A Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ufmg, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir. *Cidades na Selva: urbanização das amazonas*. Manaus: Valer, 2000.

PORTO, Jadson Luís Rebelo. *Amapá: principais transformações econômicas e institucionais – 1943 a 2000*. Macapá: Edição do autor, 2005.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. A rede urbana amazônica – da rede dendrítica à configuração de uma rede complexa. In: SPOSITO, Maria Encarnação B (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente (SP): GAsPERR, 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público em Presidente Prudente: reflexão na perspectiva dos loteamentos fechados. In: SPOSITO, E.S; SPOSITO, M.E; SOBARZO, O. (orgs.). *Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo*. Tese de Livre Docência - Presidente Prudente: UNESP, 2004.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da Trindade. *A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Grandes projetos, urbanização do território e metropolização na Amazônia. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. *ANAIS...* São Paulo: USP, 2005.